

**O PROJETO FRUSTRADO DE APESAR DE VOCÊ: A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRO<sup>1</sup>****DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p117-130****Mariana Rodrigues Rosell\*****Palavras-chave:** Transição democrática, Canção de protesto, Chico Buarque, Apesar de Você

**Resumo:** O ensaio pretende analisar a canção composta por Chico Buarque em 1970 partindo do pressuposto de que ela apresenta um projeto de futuro, um projeto para a transição democrática brasileira e para o Brasil pós-ditadura. Entendemos, no entanto, que as demandas expressas na canção, apesar de refletirem os anseios populares, não se cumpriram plenamente, constituindo, portanto, um projeto frustrado.

Apesar de você foi composta por Chico Buarque em 1970, após sua temporada de auto-exílio na Itália, que durara menos de um ano e meio. Ao retornar ao Brasil, em março desse mesmo ano, ele se deparara com uma situação tão ou mais desagradável do que aquela em que deixara o país pouco antes, no início de 1969. Mais do que nunca a repressão do governo militar recaía sobre a classe artística e, respaldado pelo AI-5 (baixado em 13 de dezembro de 1968, ainda sob o governo de Costa e Silva), o general Médici presidia o Brasil dos “anos de chumbo”. Ao lado de Pra não dizer que não falei das flores (1968), de Geraldo Vandré, ainda que bastante diferente desta, a canção de Chico Buarque se tornou um hino da resistência. Foi cantada em muitas manifestações contra o governo, mesmo durante os oito anos em que esteve proibida e como hino da resistência à violência e à repressão se consagrou na memória acerca do regime militar brasileiro (1964-1985).

---

<sup>1</sup> Este ensaio é uma adaptação do trabalho final apresentado para a disciplina *Formas da Canção Popular Brasileira: 1930-1985*, ministrada pelo professor Walter Garcia no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, no primeiro semestre de 2011.

\* Graduada em História pela Universidade de São Paulo.

Ainda que tenha passado uma temporada fora do país, Chico Buarque não deixou de ser visado pelo Departamento de Censura, o que se intensificaria após a composição dessa canção. Para sua surpresa, por um lapso dos censores, que não perceberam a mensagem de sua letra, a canção foi liberada, sendo proibida somente em março de 1971. Mas nesse momento as pessoas já a conheciam, sobretudo pelas cerca de 100 mil cópias vendidas de seu compacto simples (Apesar de você, PHILIPS, 1970), que continha ainda Desalento no lado B (SEVERIANO; HOMEM DE MELLO, 1998).

Em 1978, quando a canção foi liberada, o compositor a relançou em seu álbum Chico Buarque (PHILIPS, 1978). É relevante destacar que Apesar de você não está isolada no conjunto das canções desse álbum, mas integra-o ao lado de outras composições de temática política explícita. Ela encerra o disco que ainda traz Homenagem ao malandro (Chico Buarque), Cálice (Chico Buarque/Gilberto Gil) e Tanto Mar (Chico Buarque; segunda versão); as duas últimas também censuradas quando da composição. Durante esse período em que esteve proibida, no entanto, como já foi apontado, Apesar de você foi cantada muitas vezes e nas mais diversas situações (MENESES, 2000).

No mesmo ano em que foi lançado o álbum, Chico Buarque diria em depoimento à Rede Bandeirantes de Televisão, que muitas de suas canções haviam sido utilizadas em situações que não lhe agradavam, como, por exemplo, Passaredo, que fora utilizada na propaganda de um condomínio residencial supostamente ecológico. O compositor ainda alerta que o regime intentava usar a liberação de algumas músicas suas, como as gravadas no álbum de 1978, para publicidade de uma abertura ampla e democrática que não correspondia completamente à realidade dos fatos; ele diz: “[...] mas isso não quer dizer nada. Ainda tem muita coisa pra ser liberada.”<sup>2</sup> Dessa fala é possível apreender que o cantor estava ciente de uma das estratégias que seriam utilizadas pelos militares

---

<sup>2</sup> Transcrição de entrevista de Chico Buarque a um programa da TV Bandeirantes gravado em 1978. A parte da entrevista utilizada nesse trabalho está contida no DVD *Vai passar*, terceiro volume da coleção retrospectiva da obra desse artista organizada por Roberto de Oliveira. Ver referências bibliográficas.

O PROJETO FRUSTRADO DE APESAR DE VOCÊ: A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRO

para fazer com que a transição do poder para os civis fosse moderada, embora tivesse ares de democrática, de uma conquista social. A democracia suprimida há mais de vinte anos retornaria, em 1985, sob o controle firme dos militares no poder, embora a retomada das ruas pelos movimentos sociais desse o ritmo dessa transição<sup>3</sup>.

Esta análise tem como principal referência o livro de Adélia Bezerra de Meneses, *Desenho Mágico: poesia e política em Chico Buarque*, e, durante todo o percurso será estabelecido um diálogo com a autora, que estudou a canção no início dos anos 1980. Pontos de concordância e discordância serão expostos de modo que se possa também levar em consideração as pouco mais de três décadas que separam as duas análises, sendo que o processo de redemocratização ainda estava em discussão quando da análise de Meneses.

Sobre as canções de protesto na obra de Chico Buarque, Meneses escreve: “Recusa do presente, espera de um futuro, mas espera que é exigência: é assim que se apresentarão as canções de protesto de Chico Buarque, que aliarão crítica + utopia.” (MENESES, 2000, p. 69). Ou seja, ao mesmo tempo em que criticam o tempo presente, essas canções apresentam um projeto de futuro, projeto esse que abrange os anseios, muitas vezes utópicos, de toda uma época; que trazem e ilustram as esperanças acerca do porvir. Em acordo com esse apontamento, Fernando Barros e Silva, autor do volume sobre Chico Buarque da coleção *Folha Explica*, afirma que “Sua música é expressão de uma promessa histórica e testemunho de suas sucessivas frustrações” (SILVA, 2004, p. 17).

Propomo-nos, portanto, a mostrar que, salvo algumas exceções, a ideia de futuro apresentada por Chico Buarque em *Apesar de você* não se realizou. A canção, entoada por multidões, profetizava um porvir muito diferente daquele que

<sup>3</sup> Adriano Codato afirma: “Primeiro, o processo de ‘distensão política’, depois chamado ‘política de abertura’ e, por fim, ‘transição política’, foi iniciado pelos militares, e não por pressão da ‘sociedade civil’, ainda que ela tenha influído, de maneira decisiva, menos no curso e mais no ritmo dos acontecimentos. Segundo, esse processo teve sua natureza, andamento e objetivos *determinados* também pelos militares ou, mais exatamente, por uma de suas muitas correntes político-ideológicas. Por fim, ele correspondeu à necessidade dos próprios militares resolverem problemas internos à corporação, e não a uma súbita conversão democrática de parte do oficialato” (2005, p. 83. Grifos do autor.).

efetivamente se deu quando do fim do regime militar brasileiro, em termos de forma e também de conteúdo. Iniciemos por uma consideração acerca da melodia. Chico Buarque optou por compor um samba, o que nos suscita a inevitável questão: por que o samba? Vejamos.

Esse gênero musical já estava, por excelência, consolidado como o ritmo tipicamente brasileiro, aquele que sintetizava em si as influências das mais diferentes culturas que formam o povo brasileiro. Segundo Marcos Napolitano, “A partir dos anos 1930, o samba deixou de ser apenas um evento da cultura popular afro-brasileira ou um gênero musical entre outros e passou a ‘significar’ a própria ideia de brasilidade.” (NAPOLITANO, 2007, p. 23). Nesse momento, sobretudo, o ritmo era entendido como uma metáfora do próprio país.

Portanto, utilizá-lo como base de uma canção de protesto pode trazer a ideia do quanto o apelo feito é mais do que a expressão do desejo de um indivíduo, mas sintetiza uma demanda do povo brasileiro para o seu futuro. Também estabelece um diálogo e se contrapõe ao ufanismo exaltado que se via pelas ruas do Brasil, marca do governo do general Médici.<sup>4</sup> Se havia pessoas que estavam contentes com o regime, seu milagre econômico e o tricampeonato mundial de futebol, uma grande parcela da população via descontente o terror que se instaurara e que era intensificado pelo governo sem ressalvas.

Ademais, o samba remete ao Carnaval, muito recorrente na obra de Chico Buarque, como observou Adélia de Meneses. A autora aponta o Carnaval como a expressão de uma fuga do presente, uma fuga do real; trazendo à canção uma realização num tempo futuro ou passado. Ao abordar a canção Quando o carnaval chegar (Chico Buarque), a qual ela considera ser “de grande afinidade com Apesar de você”, a autora escreve: “Evidentemente, o Carnaval é outra das metamorfoses do ‘Dia’ [referindo-se ao ‘dia’ cantado em Apesar de você] – essa entidade mítica e utópica, cuja chegada propiciará a liberação e a redenção.” (MENESES, 2000, p. 69).

---

<sup>4</sup> *Eu te amo, meu Brasil* (Dom/Ravel) e o hino do tricampeonato de futebol, *Pra frente Brasil* (Miguel Gustavo) ambas também de 1970, são os dois grandes exemplos desse tipo de canção, ao mesmo tempo, promovida pelo e promotora do ufanismo.

O PROJETO FRUSTRADO DE APESAR DE VOCÊ: A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRO

Essa interpretação vai direto ao encontro da letra, que elabora um projeto de futuro para um tempo em que se teria liberdade novamente. Ainda recuperando a análise de Meneses, observa-se uma ligação entre os anseios de ordem pessoal e social: “Nessas canções de protesto [...] a grande constante é a nitidez com que se pode apontar a intersecção dos planos pessoal e social, afetivo e histórico, sexual e político.” (MENESES, 2000, p. 79).

Essa ideia “d’O Dia” que virá está em diálogo com a análise feita por Walnice Nogueira Galvão no ensaio MMPB: uma análise ideológica. Nele, a autora afirma que “A MMPB [sigla pela qual era conhecida o que hoje chamamos somente de MPB, gênero ao qual está ligado Chico Buarque] se caracteriza, portanto, por uma intencionalidade informativa e participante.”<sup>5</sup> (GALVÃO, 1976, p. 94). A autora também afirma que esse tipo de canção se voltava, sobretudo, para um público mais instruído, que aceita bem a questão da denúncia do presente, mas que essa nem sempre vem acompanhada de uma proposta para mudá-lo. Assim,

Entende-se que um público de instrução universitária exija que as canções ventilem problemas sociais, políticos e econômicos. Entende-se também que esse público do privilégio se assuste ante uma proposta ao nível da denúncia e aceite ansioso uma nova mitologia que não o comprometa a agir. (GALVÃO, 1976, p. 95).

Para a autora, esse é o motivo da grande recorrência dessa ideia “d’O Dia” que virá nas canções do período, constituindo-se, então, num dos “seres imaginários que compõem a mitologia da MMPB” (GALVÃO, 1976, p. 95). Colocando a solução dos problemas do presente para o futuro, o público da MMPB se eximia de responsabilidades ao mesmo tempo em que se sentia confortável por estar denunciando as agruras da realidade. Em *Apesar de Você* vemos, justamente, a conformação de um projeto de futuro, para um momento posterior ao vivido durante a composição da canção que, por sua vez, denuncia o regime coetâneo. Vale ressaltar, porém, que esse mesmo público ao qual se destinava a MMPB, o público universitário e secundarista proveniente da classe média, teria papel fundamental na composição dos grupos de esquerda armada. Segundo Marcos Napolitano, a luta armada “tinha como base social a juventude de classe média

---

<sup>5</sup> Os grifos são de Galvão.

consumidora dessa mesma cultura [a cultura da qual *Apesar de Você* faz parte, herdeira da estética do nacional-popular]...” (NAPOLITANO, 2011, p. 82).

Como bem notou Meneses, a canção se estrutura entre a apresentação do presente e a promessa do futuro, com a contraposição das estrofes iniciadas em “Hoje” e “Apesar de você” / “Amanhã”. As estrofes iniciadas em “Apesar de você” / “Amanhã” apresentam projeto de futuro entoado pelo intérprete, a se realizar num momento em que a situação será extrema ao ponto de explodir uma mobilização que transformará a ordem dada, que transgredirá todas as proibições do momento posto. As demais estrofes descrevem o diagnóstico do país feito por Chico Buarque em 1970. Seguiremos com uma análise da canção estrofe a estrofe.<sup>6</sup>

A canção começa com um coro entoando o verso “Amanhã vai ser outro dia”. O uso do coro reforça a ideia de um apelo coletivo – e não do autor, da pessoa Chico Buarque em si –, sendo utilizado todas as vezes em que o refrão é cantado e também em determinados versos da canção, sempre no sentido de coletivizar o que se canta. Tal mensagem fica ainda mais evidente pelo recurso ao *fade in*<sup>7</sup>, que dá a ideia de constante acréscimo de vozes a esse canto.

Hoje você é quem manda  
 Falou, tá falado  
 Não tem discussão  
 A minha gente hoje anda  
 Falando de lado  
 E olhando pro chão, viu  
 Você que inventou esse estado  
 Inventou de inventar  
 Toda escuridão  
 Você que inventou o pecado  
 Esqueceu-se de inventar  
 O perdão<sup>8</sup>

Essa primeira estrofe mostra a ordem da ditadura, que não permite amplo debate, limita a oposição e reprime toda e qualquer contestação. O povo,

<sup>6</sup> A letra tida como referência foi consultada no livro *Tantas palavras*, que reúne todas as letras de Chico Buarque. Ver referências bibliográficas.

<sup>7</sup> *Fade in* é um recurso de edição, comumente utilizado no início de uma gravação, que consiste em aumentar gradativamente o volume do áudio. Ver NISBETT, Alec. *The Technique of the sound studio*. Waltham; Massachusetts: Focal Press, 1966.

<sup>8</sup> Na letra original, o terceiro verso consta como apresentado acima, no entanto, na gravação da canção, após a palavra “discussão”, o cantor acrescenta um veemente “não”, enfatizando ainda mais o tom de protesto da canção.

**O PROJETO FRUSTRADO DE APESAR DE VOCÊ: A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRO**

reprimido, agora só fala de lado e olha pro chão. Os três últimos versos resumem a realidade brasileira: o regime que “inventou” inúmeros crimes e suspeitos, esqueceu-se de “inventar” o perdão, suprimindo direitos civis e políticos. Ao apelar para a aproximação com a temática cristã (pecado/perdão) em vez de trabalhar com a temática jurídica (crime/punição/absolvição), a canção é se aproxima ainda mais do popular, visto que a religião cristã tem seu vocabulário internalizado no cotidiano social.

Já a seguir há a primeira associação do regime com a escuridão, em oposição à luz, que aparecerá outras vezes no decorrer da letra.

Apesar de você  
Amanhã há de ser  
Outro dia  
Eu pergunto a você  
Onde vai se esconder  
Da enorme euforia  
Como vai proibir  
Quando o galo insistir  
Em cantar  
Água nova brotando  
E a gente se amando  
Sem parar

Aqui temos a primeira estrofe que, simultaneamente, ameaça o regime instituído e prevê como será a vida a partir de sua queda. Podemos ver parte da não realização desse projeto: de fato, o amanhã foi outro dia, mas, além de ter tardado a chegar, sua chegada se daria não só pelas manifestações populares, mas também sob controle dos militares. A transição “lenta, gradual e segura” não ficou somente nos planos do governo, mas se concretizou plenamente e com grandes consequências. O seu ritmo teve grande influência popular, no sentido de que a retomada das manifestações públicas a partir de 1977, com importante atuação do movimento estudantil, colaboraram para que a abertura caminhasse para a transição democrática; no entanto, o projeto dos militares para esta cuidou de assegurar-lhes a impunidade. (NAPOLITANO, 2014, pp. 251 e 252)

Os três últimos versos ilustram que a repressão não recaía somente sobre as formas de subversão política, mas atingia também a subversão moral; amorosa, carnal, sexual, na medida em que o regime era conservador e procurou dar



substância ao apoio dos grupos sociais conservadores. Aqui cabe se ater, ainda que brevemente, sobre a consideração que faz Meneses acerca da metáfora do gozo sexual pelo verso “Água nova brotando”. Para ela, aqui estaria uma afronta à “pulsão de morte que opera nesses domínios sombrios da opressão ditatorial.” (MENESES, 2000, p. 75). Pensando num contexto erótico, para o qual contribui a possível metáfora do galo como a pulsão sexual, “temos aqui a questão sexual apreendida de modo político” (MENESES, 2000, p. 76).

Quando chegar o momento  
Esse meu sofrimento  
Vou cobrar com juro, juro  
Todo esse amor reprimido  
Esse grito contido  
Esse samba no escuro  
Você que inventou a tristeza  
Ora, tenha a fineza  
De desinventar  
Você vai pagar, e é dobrado  
Cada lágrima rolada  
Nesse meu penar

Essa talvez seja a estrofe que mais claramente traduz a ameaça inscrita na canção, mesclando-a com o diagnóstico da violência do Estado sobre os indivíduos pelas expressões “amor reprimido”, “grito contido” e “samba no escuro”; ou seja, a repressão sexual e às manifestações populares. Novamente refere-se à ditadura como escuridão. O autor que escreve e o povo que canta prometem que os responsáveis pela situação descrita, ou seja, pela repressão, pela violência e pelo terror, terão de acertar as contas com suas vítimas.

No entanto, até hoje, nenhum militar pagou por nada do que fez durante o regime, quanto mais “dobrado”. Ainda que exista uma cobrança por parte de alguns grupos - como aqueles organizados e envolvidos com a questão dos direitos humanos e vítimas e parentes de vítimas do regime militar -, os acusados de crimes como tortura, sequestro, desaparecimento e assassinato estão ainda respaldados pela Lei da Anistia, de 28 de agosto de 1979, que – ampla, geral e irrestrita -, garantiu a impunidade dos agentes do Estado. A não punição fez parte do acordo de transição.



O PROJETO FRUSTRADO DE APESAR DE VOCÊ: A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRO

Apesar de você  
Amanhã há de ser  
Outro dia  
Inda pago pra ver  
O jardim florescer  
Qual você não queria  
Você vai se amargar  
Vendo o dia raiar  
Sem lhe pedir licença  
E eu vou morrer de rir  
Que esse dia há de vir  
Antes do que você pensa

Nessa estrofe, Chico Buarque continua a descrever o “dia”, o “amanhã”, no qual a ordem da ditadura se esvanece e dá lugar à liberdade há tempos suprimida. Quando fala em “jardim florescer”, ele pode se referir a práticas de diversas naturezas, culturais ou políticas, que durante o regime foram reprimidas. Há aqui uma ideia de que o extremo controle do Estado militar sobre as atividades civis impediu o florescimento do povo. A metáfora do “dia raiar” remete à luz, à esperança de um novo dia, que nascerá “apesar de você”, apesar do regime, da repressão; e mais, ele virá sem pedir licença, ou seja, sem pedir a autorização ou esperar a boa vontade do governo para fazê-lo. O povo agiria por si só, em conjunto, sem mais se preocupar com a ordem que durante anos controlava tudo e todos, sem pedir autorização/licença para as autoridades, prática esta que se tornara comum durante a ditadura (como a necessidade de censura prévia sob a qual era submetida a arte e a imprensa, por exemplo).

Temos aqui mais um elemento do projeto de futuro da canção não realizado plenamente. É sabido que o fim da ditadura militar não chegou totalmente aquém dos militares, mas, pelo contrário, foi bastante controlado por eles. Coube ao governo dar fim à censura prévia, ao AI-5 e aos outros meios de controle, assim como coube a ele determinar como e quando ocorreriam as eleições que passariam o poder presidencial dos militares (João Baptista Figueiredo) para os civis (Tancredo Neves) (NAPOLITANO, 2014, pp. 309-311).<sup>9</sup> Os três últimos versos ilustram, ainda mais claramente, a não plenitude da realização desse “dia”. Não há motivos para

<sup>9</sup> Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves era eleito, indiretamente, pelo Colégio Eleitoral, derrotando o adversário, Paulo Maluf.

muitos risos, uma vez que o dia não chegou como projetava o povo na canção, mas sim sob controle dos militares e permitindo com que a abertura se desse sem nenhum risco e garantindo-os a isenção total.

A fala de Geisel sobre a abertura ilustra a lucidez com a qual os militares tratavam o assunto e mostra a consciência do ex-presidente do controle que cabia a ele exercer sobre esse processo. Ele diz:

Não dei [a anistia em seu governo] porque achava que o processo deveria ser gradual. Era necessário, antes de prosseguir [com a abertura], inclusive com a anistia, sentir e acompanhar a reação, o comportamento das duas forças antagônicas: a área militar, sobretudo a mais radical, e a área política da esquerda e dos remanescentes subversivos. Era um problema de solução progressiva (D'ARAUJO; CASTRO, 1997, p. 398).

Friamente e com a tranquilidade de quem está imune a qualquer julgamento, Geisel mostra que tinha consciência de como deveria prosseguir com a abertura, ao mesmo tempo em que podemos ver como essas decisões cruciais ao processo de redemocratização cabiam à cúpula central do regime. Ainda que se apreenda certa cautela em lidar com as “duas forças antagônicas”, o controle estava nas mãos do governo.

Apesar de você  
Amanhã há de ser  
Outro dia  
Você vai ter que ver  
A manhã renascer  
E esbanjar poesia  
Como vai se explicar  
Vendo o céu clarear  
De repente, impunemente  
Como vai abafar  
Nosso coro a cantar  
Na sua frente

Mais uma vez Chico Buarque retoma a questão do nascer da manhã, tratando agora de um renascimento, a volta da luz suplantada pela escuridão do regime; “o céu [vai] clarear”, em oposição a “toda a escuridão” da primeira estrofe e ao “samba no escuro” da terceira. O renascimento dessa luz traz à tona a poesia, que será esbanjada, o que sugere, novamente, o fim da censura e do controle da vida dos cidadãos pelo governo militar. E tudo isso acontecerá “de repente, impunemente”, ou seja, novamente os controladores da ordem não conseguirão

**O PROJETO FRUSTRADO DE APESAR DE VOCÊ: A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRO**

impedir que isso se dê, estarão impotentes (depois de tanto tempo) diante da situação, não conseguirão nem impedir nem punir o povo que fará, ele próprio, renascer o “dia”.

Algo importante aparece nos últimos três versos, quando o povo, na voz do intérprete, indaga como “você”, o regime, vai abafar o coro que o encara, talvez mesmo entoando a canção. Chegaria um momento em que o governo não teria mais como calar a multidão, reprimir manifestações populares. Note-se que é a única vez em que o compositor utiliza a primeira pessoa do plural (“Nosso coro a cantar”), e, justamente, quando se refere ao canto; podemos observar mais um elemento que corrobora a ideia da canção tratar do anseio popular e coletivo para o momento brasileiro, sendo o canto o meio através do qual o povo encontra sua redenção.

Aqui podemos claramente observar mais uma frustração no projeto de redemocratização da canção. Se fizermos uma analogia desse coro com o movimento das Diretas Já (1984), quando multidões tomaram as ruas do país clamando pelas eleições diretas para presidente, apreendemos mais um motivo de frustração, sobretudo se recuperarmos a relevância que essa canção de Chico Buarque teve nesse momento, apontada em diversas reportagens do período. Por maior que tenha sido a mobilização popular diante da proposta de emenda constitucional que levou o nome de seu autor, o deputado federal Dante de Oliveira (MDB), não foi suficiente que milhões de brasileiros clamassem, exigissem o direito de escolher o primeiro presidente civil desde que Jango assumira após a renúncia de Jânio Quadros, 23 anos antes. A emenda foi vetada, muito por manobra do governo e seus aliados, e a transição foi realizada por meio de eleições indiretas para presidente. Somente em 1989, 25 anos depois do golpe, é que os brasileiros iriam às urnas novamente. (NAPOLITANO, 2014, pp. 311)

Apesar de você  
Amanhã há de ser  
Outro dia  
Você vai se dar mal  
Etc. e tal

A última estrofe vem reforçar a ameaça já percebida por Adélia Bezerra de Meneses, “[...] o que se recorta nesse quadro de oposições é uma reiterada ameaça a essa entidade repressiva, uma espécie de encarnação do poder repressor: você” (MENESES, 2000, p. 76. Grifos de Meneses). E Chico Buarque o faz de maneira bem explícita, dizendo “Você vai se dar mal / Etc. e tal”. O último verso, aliás, sugere múltiplas formas de “se dar mal”, pensando talvez em julgamento, condenação, punição; nos níveis judicial, moral e social. Talvez resida aqui a principal frustração do projeto utópico da canção.

O “você” não se “deu mal”, nem “pagou” pelo que fez; os controladores da ordem e torturadores foram anistiados e não sofreram nenhuma punição pelos crimes cometidos durante o regime militar. Atualmente, há a Comissão Nacional da Verdade, que já na origem implica inúmeros questionamentos acerca de sua eficiência e sentido, uma vez que tem caráter apenas documental e seu período de abordagem abrange, além do período da ditadura militar, os anos da quarta República; críticos do modelo dessa comissão afirmam que tal extensão só serviria para esvaziar sua atuação.<sup>10</sup> Mas, independente de sua eficiência, cabe destacar que no momento da transição do regime militar para a democracia civil, o controle esteve, majoritariamente nas mãos dos próprios militares.

A canção de Chico Buarque documentou os anseios e as esperanças de uma época. Retomemos, por fim, os principais pontos de frustração desse projeto: 1) o amanhã tardou a chegar e quando o fez, foi fruto de um processo controlado pelos militares, apesar das inúmeras manifestações populares retomadas em 1977 e, sobretudo, a partir de 1979, devido à revogação do AI-5, em 31 de dezembro de 1978; 2) coube ao governo distender as formas de controle da população, como o fim da censura prévia, a revogação do AI-5 e a própria promulgação da Lei da

---

<sup>10</sup> Não é, porém, a primeira vez que o governo se dispõe a tratar do assunto: em 1995 foi instituída a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos e, em 2001, a Comissão de Anistia. Nenhuma delas, no entanto, tocou ou pretendeu tocar na não aplicação da Lei de Anistia aos torturadores e ao Estado e, conseqüentemente, no julgamento e punição dos torturadores. Ademais, a Comissão Nacional da Verdade sofre críticas por ter várias contradições, tanto em seu processo de formação como nas suas condições de atuação. Essas críticas advêm, sobretudo, da parte dos movimentos ligados às famílias de desaparecidos políticos que criticam tanto esse caráter não punitivo quanto a possível pressão por partes integrantes do Estado (como as Forças Armadas) sobre os relatores.

O PROJETO FRUSTRADO DE APESAR DE VOCÊ: A CANÇÃO DE CHICO BUARQUE E O PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRO

Anistia; 3) nem uma manifestação popular tão mobilizada como o movimento das Diretas Já foi capaz de reverter o controle do governo, mesmo quando a ditadura estava em processos de falência; 4) nenhum acusado de cometer crimes durante a ditadura foi julgado e muito menos punido, à exceção dos opositores do regime. Assim, como se pode perceber, se o “dia” realmente amanheceu, seu projeto, até hoje, é frustrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CODATO, Adriano Nervo. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. In: *Revista de Sociologia Política*, nº 25, Curitiba, 2005.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. MMPB: uma análise ideológica. In: *Saco de gatos: ensaios críticos*. 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 93-119.
- GARCIA, Walter. Um mapa para se estudar Chico Buarque. *Revista do IEB*, São Paulo, n. 43, p. 187-202, 2006.
- D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (org.). *Geisel*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. *Tantas palavras*. Projeto gráfico de João Baptista da Costa Aguiar. 2ª reimpressão. Todas as letras & reportagem biográfica de Humberto Werneck. Edição revista e ampliada de Chico Buarque: letra e música. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque*. 2ª edição. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. *A síncope das idéias*. A questão da tradição na música popular brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Coração civil: arte, resistência e lutas culturais durante o regime militar*. Tese de Livre Docência em História do Brasil Independente, Universidade de São Paulo, 2011.
- NISBETT, Alec. *The Technique of the sound studio*. Waltham; Massachusetts: Focal Press, 1966.
- SEVERIANO, Jairo; HOMEM DE MELLO, Zuza. *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras*, volume 2: 1958 – 1985. 5ª edição. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, Fernando Barros e. *Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 2004.

#### REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

BUARQUE, Chico. *Chico Buarque* (1978). [S.l.]: Philips, 2010. 1 CD.

CHICO BUARQUE. *VAI PASSAR*, Brasil, 2005. Diretor: Roberto de Oliveira. Produção: Vinícius França. Fotografia: João Wainer. Elenco: Chico Buarque, MPB-4, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Tom Jobim. 1 DVD.